

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 15/12/08 a 19/12/08)

Com o final do ano muito próximo, as projeções para a economia mundial em 2009 e, sobretudo, para o futuro da crise tornam-se cada vez mais importantes e passam a fazer mais sentido.

As perspectivas para 2009 não são nada boas, já apontado como um ano que será muito ruim para o mundo, com a instalação definitiva da recessão.

As economias mundiais se uniram para lutar contra o crescimento da crise, mas a grande preocupação atual é de que os instrumentos de combate contra a crise estejam acabando, sem ainda se vislumbrar um fim para a mesma. Isto se configurou claramente esta semana após o anúncio de corte de juros nos Estados Unidos: os juros estão em zero; o governo gastou mais de um trilhão em socorro aos bancos, se for somado o pacote de US\$ 700 bilhões com o dinheiro já gasto em operações como a da AIG; o governo americano já distribuiu US\$ 170 bilhões diretamente as pessoas, e os Estados Unidos marcham inexoravelmente para a recessão. Se a inflação ficar negativa, como mostrou a queda de preços de 1,7% de novembro, até zero é juro alto. Será que o Banco Central americano ficou sem instrumentos para combater a crise?

Uma coisa, pelo menos, ainda está muito clara: Barack Obama continua um símbolo de otimismo e de mudança, ainda mais esta semana onde deixou bem claro suas preocupações nas áreas energética e ambiental (combate aos combustíveis fósseis, redução da dependência ao petróleo, busca de uma solução global para o clima, e novas fontes de energia como alavanca para se sair da crise econômica).

Aqui no Brasil, os sinais de que a crise já chegou ao país são claros – como mostrou a queda da produção industrial, das vendas no comércio no terceiro trimestre, e a intenção do Banco Central em baixar os juros para promover o crescimento com aumento do crédito e liquidez – e o governo precisa continuar incentivando a economia com redução de impostos em todos os setores e desburocratização da produção como um todo.

Precisamos parar de acreditar que a crise não chegou, apoiados em interpretações erradas de indicadores econômicos. Por exemplo, o fato da taxa de desemprego não ter subido não significa que a crise não chegou no Brasil. A taxa de desemprego normalmente cai nos últimos meses do ano, fator sazonal. No final do ano, mesmo com a crise, há muita contratação temporária e há menos procura de emprego (lembrem que a taxa de desemprego mede as pessoas procurando emprego) e isso ajuda a queda do desemprego. No começo do ano acontece o oposto, as pessoas se animam com o novo período e a retomada das atividades das empresas, e voltam ao mercado de trabalho. Este movimento e a demissão dos temporários elevam a taxa de desemprego no começo do ano, mesmo em anos bons. Portanto, a taxa estável agora não é sinal de que a crise não chegou ao emprego, pelo contrário, o que vemos é que muitas empresas suspenderam contratações, planos de investimento que gerariam emprego e algumas já estão demitindo.

Cenário Internacional

As previsões para a solução da crise e perspectivas para os anos vindouros para a economia mundial continuam pessimistas, e o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, declarou na segunda-feira que acredita em recessão mundial e que a situação econômica no mundo deverá piorar no próximo ano. Esta avaliação é baseada no cenário traçado para a economia chinesa que contempla um crescimento de apenas 5% no próximo ano, o que não só impactará negativamente o crescimento mundial, inclusive para os emergentes, mas como também poderá retardar o processo de recuperação da economia mundial.

Preocupada com a queda vertiginosa do preço do petróleo desde o início da queda nos preços das commodities, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) anunciou um corte na produção de petróleo de 2,2 milhões de barris/dia na reunião ocorrida na quarta-feira na Argélia. A OPEP cortará, de setembro até dezembro, 4,2 milhões de barris/dia. O intuito destas medidas é elevar o preço do petróleo, que desde julho de 2008 já caiu quase 70%, associado à expectativa de menor crescimento mundial. O corte é considerado suficiente para equilibrar a distorção entre a oferta e a demanda mundiais esperada para 2009, mas com a desaceleração da economia a demanda precisa ser acompanhada de perto, haja visto o risco de diminuir mais rapidamente do que previsto.

Em relação às commodities agrícolas, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) anunciou na quinta-feira que espera queda na safra agrícola mundial em 2009, após safra recorde neste ano. Segundo a instituição, com a crise financeira internacional e a queda no consumo dos países mais ricos, a produção mundial deverá ser afetada já que esses países foram os principais responsáveis pelo recorde de produção deste ano. Assim, a FAO avalia

que o número de pessoas mal nutridas, que teria aumentado em 100 milhões este ano, possa ter aumento seu ritmo de crescimento.

Na tentativa de promover uma recuperação da economia mundial, os países têm adotado políticas conjuntas, planos de ação diretos nas diferentes economias do mundo, e mecanismos de política fiscal e monetária, no sentido de fugir da recessão que se instala.

Uma das ações mais aguardadas esta semana foi a decisão sobre taxa de juros nos Estados Unidos, que se deu na terça-feira. O FED anunciou na terça-feira sua decisão para os juros norte-americanos, com o estabelecimento de uma banda para a taxa de juros entre 0,0% a 0,25%. O FED mudou a política de juros adotando bandas, e também mencionou explicitamente os próximos passos no que diz respeito a medidas quantitativas e compra de títulos, assumindo que usará o balanço da instituição para estimular o mercado de crédito e a atividade.

A grande preocupação do FED neste momento é o que fazer para estimular a economia daqui para frente, já que as taxas não podem cair abaixo de zero. Entre as alternativas do banco central norte-americano está seguir comprando títulos de dívida de longo prazo no mercado, para aumentar o total de dinheiro em circulação e, ao mesmo tempo, reduzir as taxas de juros desses papéis.

Outra ação esperada esta semana nos Estados Unidos, que só se concretizou na sexta-feira, foi o anúncio do presidente Bush de um plano de US\$ 13,4 bilhões em empréstimos de emergência para a General Motors e a Chrysler, a serem liberados em dezembro e janeiro. Os empréstimos, entretanto, serão resgatados se as montadoras não provarem que estão viáveis até 31 de março. Outros US\$ 4 bilhões estarão disponíveis para as montadoras em fevereiro sob condição das empresas apresentarem planos de reestruturação para retomar sua produtividade. Com isso, o valor total do pacote chega a US\$ 17,4 bilhões. O dinheiro virá do fundo de US\$ 700 bilhões aprovado inicialmente para socorrer apenas instituições financeiras. Os empréstimos vão requerer limites sobre

pagamento de executivos e outros benefícios, e as montadoras também vão ter que fornecer garantias para ações preferenciais.

A indústria automobilística dos Estados Unidos vive uma das maiores crises de sua história. A General Motors, maior fabricante de automóveis do país, precisa de US\$ 4 bilhões para terminar o ano e de outros US\$ 6 bilhões para seguir operando durante o primeiro trimestre de 2009. A companhia anunciou que de janeiro a março sairão de suas linhas de montagem 250 mil veículos a menos do que o previsto, o que equivale a um corte de 30% de sua produção. Já a Chrysler, terceira maior montadora americana, necessita de US\$ 4 bilhões para poder sobreviver durante o primeiro trimestre do ano. A Ford, por sua parte, disse que não precisa de socorro financeiro por enquanto, mas solicitou uma linha de crédito como precaução se as condições econômicas piorarem.

O que se aguarda agora é um pacote de recuperação econômica defendido pelo presidente eleito nos Estados Unidos, Barack Obama, a fim de criar 2,5 milhões de empregos. Em entrevista coletiva na segunda-feira, o futuro presidente afirmou que seu governo buscará soluções de longo prazo para um crescimento sustentável.

Em relação aos indicadores da economia norte-americana, o índice de preços ao consumidor (CPI) continuou em trajetória de desaceleração, apresentando queda bem maior do que a esperada (-1,3%), com deflação de 1,7% em novembro. Comparando com o mesmo período do ano anterior, o CPI subiu 1,1%. O núcleo do índice, que exclui alimentos e energia, não apresentou aceleração na margem, sendo que na comparação interanual mostrou elevação de 2%. A queda de preços de energia foi o grande responsável por esse movimento tão forte: gasolina caiu 29,5% na margem, após redução de 14,2% em outubro, e outros combustíveis e gastos com transportes também apresentaram forte queda. Veículos, que pesam 7,2% no índice, também recuaram, reforçando a desaceleração da demanda e dando suporte a um cenário deflacionista nos próximos meses.

No mercado imobiliário, os dados de construção de novas residências divulgados na terça-feira referentes a novembro apresentaram queda de 18,9% no referido mês para 625 mil unidades, ante as 771 mil registradas no mês anterior. O mercado esperava 736 mil residências e, com isso, temos a menor marca histórica da série desde o seu início em 1959. A permissão de novas construções chegou a 616 mil unidades no período, desacelerando em relação ao mês anterior, quando foi de 730 mil, também abaixo do esperado (700 mil).

A produção industrial norte-americana recuou 0,6% em novembro na margem, um pouco acima do esperado pelo mercado (-0,8%), mas mostrando considerável desaceleração em relação ao mês anterior, quando teve expansão de 1,5%. Parte desta recuperação é reflexo da retomada pós-furacão e também do fim da greve de uma importante empresa aérea. O setor automobilístico, por outro lado, influenciou negativamente o resultado. A produção de bens duráveis, que contraiu 3% na margem, e bens duráveis excluindo veículos, com queda de 1,1% na margem. Com exceção do setor de equipamentos, todos apresentaram resultado inferior ao mês anterior. O nível da capacidade instalada também caiu, passando de 76% para 75,4%. Combinando este resultado com os dados de exportações divulgados semana passada, o cenário prospectivo para produção industrial continua ruim. Esta expectativa ruim é reforçada pelo resultado do índice Empire Manufacturing, que mostrou deterioração adicional das expectativas para o setor em dezembro, caindo para -25,8 pontos ante -25,4 registrados no mês anterior, superando as expectativas de -28 pontos.

As vendas no varejo norte-americanas recuaram 1,8% e excluindo automóveis, 1,6% em novembro, na margem, apresentando resultado melhor do que o esperado (queda de 2% para o dado agregado). A notícia boa vem do núcleo do indicador, que exclui as vendas de gasolina, material de construção e automóveis, que expandiu 0,5% no mês após três meses de queda. Parte disto é decorrente das promoções típicas deste período do ano, com destaque para a elevação de vestuário (0,8%), de mobiliário (0,2%) e de eletrônicos (2,8%). Os dados de

setembro e de outubro foram revisados para baixo, o que pode acontecer posteriormente com o de novembro.

Os preços ao produtor não trouxeram surpresas, confirmando a tendência deflacionista, já apontada previamente nos preços de importação. O PPI apresentou queda de 2,2% na margem em novembro puxada por um recuo de 11,2% nos preços de energia, enquanto que na comparação interanual mostrou aceleração de 0,4%. O núcleo do índice (que exclui alimentação e energia) acelerou 0,1% na margem e 4,2% na base interanual.

O indicador de atividade FED de Filadélfia permanece com a sua trajetória negativa pelo décimo primeiro mês consecutivo, e registrou -32,9 pontos em dezembro ante os -39,3 pontos atingidos anteriormente, acima das expectativas (-40,5 pontos). Os indicadores antecedentes de novembro vieram em linha com as expectativas de queda de 0,4% na margem e 3,7% na comparação interanual. O presidente eleito, Barack Obama, anunciou que a prioridade no momento é a criação de um plano de estímulo à demanda e de geração de empregos.

Finalmente, o saldo em conta corrente nos Estados Unidos apontou um déficit de US\$ 174,1 bilhões no terceiro trimestre, inferior ao esperado e menor do que o registrado no trimestre anterior (-US\$ 180,9 bilhões). Os investimentos estrangeiros diretos voltaram a subir, para US\$ 125 bilhões, ainda bastante abaixo do registrado em trimestres anteriores.

Saindo agora dos Estados Unidos, vimos que para a União Européia a semana começou com a aprovação de um pacote de € 200 bilhões de estímulo às economias dos países que formam o bloco, anunciado já na sexta-feira da semana anterior. Conforme o documento apresentado na reunião, este plano econômico será mais um instrumento de auxílio à recuperação da economia. A composição das medidas a serem implementadas implica aumento dos gastos ou redução da receita, através de redução de impostos, diminuição de cotações de programas sociais ou ajudas diretas às famílias.

Na mesma direção, o primeiro ministro do Japão, Taro Aso, anunciou também na sexta-feira da semana anterior um novo pacote de estímulo à economia japonesa de ¥ 23 trilhões. Essa quantia se somará ao pacote de ¥ 26,9 trilhões anunciado em outubro. Este novo pacote inclui medidas fiscais, através da redução das taxas para proprietários de imóveis, e medidas de suporte financeiro, como garantias de empréstimos a empresas que estão em dificuldade.

Na terça-feira, a chanceler alemã Angela Merkel disse que sabe que o plano de estímulo econômico para o país pode ser insuficiente, mas não vai tomar novas medidas até o presidente eleito nos Estados Unidos, Barack Obama, assumir o posto. Um pacote de medidas do governo alemão, avaliado em cerca de 31 bilhões de Euros (42,38 bilhões de dólares), já deve ser colocado em prática em janeiro, mas Merkel tem enfrentado pressões de outros países da União Européia, como a França, para fazer mais. Até agora, Merkel tem dito que acredita que haverá espaço para corte de impostos apenas após a eleição presidencial em setembro. Aumentando a perspectiva ruim que o país enfrenta, na terça-feira a associação de bancos comerciais BdB divulgou que a Alemanha vai sofrer no ano que vem sua recessão mais profunda desde a Segunda Guerra Mundial, com retração de no mínimo 1% do PIB em 2009.

No que diz respeito aos indicadores econômicos das economias da Zona do Euro, o PMI de manufaturados da Zona do Euro, assim como da Alemanha, continuou em sua trajetória de retração em dezembro, porém em ritmo menor do que o esperado, recuando para 34,5 pontos e 33,5 pontos, ante 35,6 e 35,5 de novembro, respectivamente.

O PMI de serviços retraiu mais uma vez para a Zona do Euro, para 42 pontos (contra 42,5 do mês anterior). Já para a Alemanha houve melhora no índice, para 46,4 pontos ante 45,1 registrados em novembro.

A desaceleração do consumo e da confiança nos negócios caiu para o menor nível em 15 anos, enquanto que a produção industrial recuou para a menor marca desde 1993 em outubro devido à fraca demanda.

Os índices de preços ao consumidor da Zona do Euro e Alemanha apresentaram queda em novembro, em relação a outubro. Na Zona do Euro os preços recuaram 0,5% na margem, enquanto que em relação ao mesmo período do ano anterior registraram alta de 2,1%, ambos em linha com o esperado. Na Alemanha o CPI também veio em linha com as expectativas recuando 0,5% na margem, ao passo que na comparação interanual acelerou 1,4%, a maior queda em dois anos.

O número de pessoas empregadas na Zona do Euro caiu 0,1% no terceiro trimestre de 2008, com relação ao indicador do trimestre anterior. Segundo dados agência de estatísticas Eurostat, essa queda, ajustada sazonalmente, significa que cerca de 80 mil pessoas da região perderam seus empregos no período. No segundo trimestre deste ano, o emprego tinha apresentado um aumento de 0,2%.

O indicador de clima de negócios na Alemanha, calculado pela pesquisa IFO, registrou 82,6 pontos em dezembro, abaixo das expectativas (84 pontos) e caindo em relação ao mês anterior, quando atingiu 85,8 pontos. Seguindo a mesma direção, os indicadores que compõem o índice também caíram: o que avalia a situação do mercado atualmente marcou 88,8 pontos, também surpreendendo as expectativas do mercado (90,8 pontos) e caindo em relação à pontuação anterior (94,9 pontos). As expectativas mensuradas pela pesquisa também recuaram e atingiram 76,8 pontos, um pouco abaixo do esperado (77 pontos) e dos 77,6 pontos do mês de novembro. Essa é a maior queda no indicador de confiança dos negócios desde 1982.

Na França, a confiança empresarial em dezembro caiu para seu menor patamar nos 32 anos de história da pesquisa, nível que só havia sido registrado em junho de 1993. A agência de estatísticas INSEE informou que o índice de confiança caiu

para 73 pontos em dezembro, ante dado revisado para baixo de 79 pontos em novembro. O dado ficou abaixo das estimativas de analistas, que esperavam uma leitura de 78. Inicialmente, a agência havia informado que em novembro o índice havia atingido a marca de 80 pontos.

Ainda na França, o índice de preços ao consumidor caiu 0,5% em novembro em relação ao mês antecedente, refletindo essencialmente o movimento das cotações da energia. Na base anual, o Insee acusou inflação de 1,6%. No mês passado, os preços da energia declinaram 5,5% e os dos alimentos cederam 0,2%. Serviços tiveram baixa de 0,1% e os produtos manufaturados subiram 0,2%. Pelo critério harmonizado, que atende a propósitos europeus, o índice de preços ao consumidor diminuiu 0,5% no comparativo mensal, mas registraram acréscimo de 1,9% em 12 meses.

No reino Unido, as vendas no varejo subiram 0,3% em novembro, surpreendendo as projeções do mercado que previam queda de 0,6%. Na comparação interanual, as vendas apresentaram crescimento de 1,5%, também acima das expectativas (1%). Essa elevação, que foi a primeira em três meses, foi puxada pelo crescimento da demanda por alimentos e descontos em lojas de eletrodomésticos e móveis, mas ainda não pode ser vista como esboço de recuperação da atividade, já que os investimentos, a confiança e o emprego ainda apresentam desaceleração e devem afetar o consumo nos próximos meses.

A taxa de desemprego da pesquisa ILO, no Reino Unido, subiu para 6% em outubro, um incremento de 0,5 ponto percentual em relação a media móvel de três meses de julho, maior aceleração desde 1991, depois de muitas companhias anunciarem cortes no quadro funcional neste mês com o agravamento da crise financeira. O número de pessoas que entraram com pedido de seguro-desemprego também aumentou em outubro, pelo décimo mês consecutivo, e passou a marca de 1 milhão pela primeira vez em oito anos.

O índice de preços ao consumidor (CPI), no Reino Unido, em novembro caiu 0,1% na margem, sendo que na comparação interanual apresentou elevação de 4,1%, ambos acima das expectativas (-0,3% e 3,9%, respectivamente). Já o núcleo do índice registrou alta de 2% no acumulado de 12 meses, acima do esperado (1,8%). Mais uma vez, os preços de transporte e dos serviços relacionados à habitação pressionaram o índice para baixo, favorecidos pela queda dos preços de energia; enquanto que alimentação continua puxando para cima o índice.

O Bank of England (BoE) divulgou na quarta-feira a Ata de sua última reunião, em que decidiu pelo corte de 1 ponto percentual em sua taxa básica de juros, chegando a 2% ao ano. A Ata avalia que as condições no mercado financeiro apresentaram significativa deterioração desde a última reunião da autoridade monetária, com queda nas expectativas para o crescimento e os spreads de crédito maiores. Na mesma direção, o documento afirma que os sinais de desaceleração estão mais evidentes para a economia mundial, em especial nos Estados Unidos. Em relação à economia doméstica, o nível de emprego continua enfraquecido, assim como a demanda e os preços ao consumidor, dando suporte a sua decisão de manter o afrouxamento da política monetária.

No Japão, o relatório Tankan divulgado pelo Bank of Japan (BoJ) na segunda-feira, mostrou significativa contração na confiança dos executivos das maiores empresas do país configurando-se como a segunda maior queda da história, recuando 21 pontos em relação ao trimestre anterior chegando a pontuação de -24, menor nível atingido desde o primeiro trimestre de 2002. As grandes empresas também reduziram os planos de investimento, para um crescimento esperado de 2,4% no próximo ano fiscal (os planos anteriores eram de expansão de 5,5%). O lucro esperado recuou 22,7% em relação à pesquisa do trimestre anterior. O resultado reforça as baixas expectativas para crescimento da economia japonesa para os próximos trimestres.

O Bank of Japan (BoJ) cortou em 0,2 ponto percentual a taxa básica de juros para 0,1% ao ano, dentro das expectativas, a fim de estimular a economia que se apresenta em recessão, recebendo 7 votos a favor e um contra. A decisão do BoJ, divulgada na mesma semana em que o FED anunciou seu corte na taxa de juros em um intervalo entre zero e 0,25%, elevou o preço do iene frente ao dólar ao maior patamar histórico. Além disso, o banco central adotou medidas de estímulo ao crédito às empresas que estão em dificuldade. O governo japonês ainda anunciou, pela primeira vez em sete anos, que espera um crescimento zero para o próximo ano fiscal, de abril de 2009 a março de 2010, e reduziu a previsão de crescimento para o período 2008/2009, de 1,3% para 0,8%. Em julho, a projeção oficial era de expansão de mais de 1% para este calendário fiscal.

Assim como o dólar é o porto seguro para investidores no Ocidente, do outro lado do mundo, o iene exerce essa função. E como o Japão é um país essencialmente exportador, esse é um dos principais problemas que sua economia enfrenta nesta crise. O iene está se valorizando muito e isso faz com que o produto japonês chegue mais caro em outros países. Para se ter uma idéia da valorização, esta tem tudo para ser a sétima semana seguida de alta da moeda japonesa frente o dólar. Na quarta-feira, o iene fechou no maior patamar desde 1995. Como os Estados Unidos reduziram juros esta semana, o BC japonês também precisa adotar movimento semelhante de corte, sob risco de valorizar ainda mais sua moeda.

Na China, o crescimento da produção industrial apresentou desaceleração em novembro, para 5,4% na base de comparação interanual, frente a uma elevação de 8,2% registrada em outubro, surpreendendo negativamente o mercado que esperava expansão de 7,1%. É o menor crescimento da atividade industrial desde que esta série começou a ser publicada em 1995. O país está sofrendo principalmente com a queda nas exportações, e se há menos exportações, as indústrias ficam estocadas e são obrigadas a reduzir a produção.

Na Rússia, país que temos descrito como um dos que mais tem sofrido com o impacto da atual crise mundial, os sinais de deterioração não param de aparecer. A produção industrial declinou 8,7% em novembro na comparação com um ano antes, e teve contração de 10,8% perante outubro de 2008. De janeiro a novembro deste calendário, houve crescimento de 3,7%. O Serviço de Estatísticas russo (Rosstat) informou que o setor manufatureiro registrou a maior queda na produção, cedendo 10,3% perante novembro de 2007. É a maior queda mensal desde a crise russa, de 1998, quando o país decretou moratória e para se ter uma idéia de como a queda é forte, a pior previsão de uma enquete feita pela Bloomberg apontava redução menor, de 4,7%. Com isso, o ministério de Desenvolvimento Econômico da Rússia revisou para baixo a previsão de crescimento da produção industrial para o ano de 2008, de 4,7% para 1,9%. A taxa de desemprego do país, hoje em 6,1%, pode subir para 11% no ano que vem, já estimam os economistas. A crise está atingindo a Rússia principalmente pela queda no preço do petróleo, que bateu US\$ 147,00 em julho e agora vale menos que US\$ 50,00.

Na Turquia, o banco central cortou a taxa básica de juros do país em 1,25 ponto percentual, para 15% ao ano na quinta-feira, apoiado no efeito da crise na desaceleração da atividade. A maioria dos analistas esperava um corte de 0,50 ponto percentual.

Nos voltando agora para nossa região, vimos esta semana que o governo do Equador deixou de pagar parte de sua dívida externa. Duas parcelas de juros da dívida que venciam na segunda-feira não foram pagas, configurando o primeiro default na América Latina desde 2002, quando a Argentina interrompeu o pagamento de sua dívida. O governo recorreu a uma carência de 30 dias, mas nada indica que o valor será pago. A decisão não afeta o governo brasileiro, que não possui títulos equatorianos, mas alimenta uma situação política que pode ser desfavorável ao Brasil, como já comentamos no nosso último relatório.

Cenário Interno

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva bateu novo recorde de avaliação positiva segundo a pesquisa CNT/Sensus. Para 71,1% dos entrevistados, o governo foi avaliado positivamente atingindo a melhor marca da história do estudo. A avaliação pessoal do presidente também melhorou, subindo de 77,7% em setembro para 80,3% em dezembro. Para o instituto, a melhora na avaliação do presidente é consequência direta de um discurso mais otimista adotado em meio à crise internacional, além dos resultados ainda robustos do mercado de trabalho neste último trimestre. A avaliação em relação à crise mostra que para 40% dos entrevistados o País não está preparado para enfrentar a crise, contra 37,9% que consideram o oposto. Por fim, para o futuro, 41,9% acreditam que o Brasil sairá fortalecido da crise.

Em uma semana de mais cortes nas taxas de juros básicas em diversos países do mundo na tentativa de reverter o quadro recessivo que se instala na economia mundial, a Ata do COPOM publicada pelo Banco Central do Brasil (BACEN) era muito esperada porque justificaria a manutenção da atual taxa básica de juros para o país (no patamar de 13,75%) na reunião da semana passada, e revelaria a possível intenção do BACEN de já reduzir a taxa na próxima reunião no início do ano que vem. Na quinta-feira o Banco Central publicou a Ata, onde avaliou que para as economias desenvolvidas o processo de desaceleração, por conta do aprofundamento da crise financeira internacional, já está mais avançado do que para os emergentes, ainda que reconheça que esses últimos também têm sentido os efeitos do arrefecimento da economia mundial, mesmo que em menor intensidade. Em relação à atividade no País, a Ata destaca que a criação de empregos formais começou a mostrar sinais de desaceleração. As pressões inflacionárias, no entanto, ainda mostrariam sinais contraditórios, com dólar elevado, mas com tendência de enfraquecimento da atividade doméstica, o que

contribuiria para uma inflação dentro da meta. O Copom ainda admitiu que chegou a discutir um corte imediato de 0,25 ponto percentual em sua última reunião, mas preferiu agir com cautela e monitorar os próximos resultados antes de reduzir a Selic.

No sentido de continuar buscando o aquecimento da economia e aumentar a liquidez no mercado, o governo anunciou na quarta-feira medidas que poderão ampliar em até R\$ 95 bilhões os recursos para empréstimos em 2009. As medidas visam ampliar a liquidez no mercado doméstico, evitando assim a forte redução de investimentos e de empregos. Entre as medidas de destaque está a aplicação de mais de R\$ 87 bilhões para os bancos liberarem empréstimos e a ampliação da atuação dos bancos públicos na oferta de crédito. Além disso, foram anunciadas medidas que alteram a forma de cálculo do índice de Basiléia e que, voltada para os bancos de pequeno e médio porte, aumentam o limite para que o Fundo Garantidor de Crédito (FGC) possa adquirir carteiras de crédito de instituições financeiras, podendo injetar até R\$ 8 bilhões. O governo ainda anunciou nova redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), desta vez para caminhões, a fim de socorrer a indústria automobilística e garantir emprego, já que esse um dos setores mais afetados até agora. Além disso, o Conselho Monetário Nacional (CMN) manteve a taxa de juros de longo prazo (TJLP) em 6,25% ao ano para o período de janeiro a março de 2009.

Na quinta-feira, o Senado aprovou o projeto de lei que cria o Fundo Soberano do Brasil (FSB), que segue para sanção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Os recursos do FSB serão utilizados para investimentos e inversões financeiras, como aquisições de ativos financeiros externos por meio da integralização de cotas do Fundo Fiscal de Investimentos e Estabilização. O objetivo é manter os investimentos do governo e assim garantir a continuidade de projetos que poderiam ser afetados pela restrição creditícia no mundo. O montante que irá compor o Fundo poderá ser de até 0,5% do PIB, o que poderia significar cerca de R\$ 15 bilhões, segundo estimativas do mercado. O Senado também aprovou a

medida provisória 443 (MP 443), que permite que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal adquiram ações de instituições financeiras em dificuldades. O texto sofreu alterações, como a inclusão de um limite para a participação do Caixa Par, Banco de Investimentos em 40% nas instituições que tiverem suas ações compradas. Assim, o projeto deverá voltar à Câmara antes de seguir para sanção presidencial.

Ainda na quinta-feira, o Banco do Brasil (BB) anunciou uma nova linha de crédito que vai beneficiar o setor automotivo. Serão até R\$ 3 bilhões de recursos próprios que estarão voltados para empresas de auto-peças que queiram financiar o pagamento de impostos e o décimo terceiro salário. Segundo o BB, a linha de crédito poderá financiar PIS/CONFINS, o IPI, o ICMS e a contribuição do FGTS referentes aos meses de novembro passado a fevereiro de 2009.

Agora, segundo a ministra da Casa Civil, Dilma Roussef, o governo já estuda um novo pacote de desoneração fiscal, novamente com o objetivo de manter o nível de investimentos. Para Dilma, com a postura do governo desde o início da crise, o País tem os elementos necessários para continuar crescendo 4% no próximo ano. A ministra ainda afirmou que a preocupação com a inflação diminuiu e que, diante de um quadro de estagflação, agora a questão é o custo do capital.

Na sexta-feira, o BACEN baixou novas mudanças no depósito compulsório. A principal delas foi a ampliação para até 31 de março de 2009 do prazo para que as compras de carteira de crédito de instituições em dificuldades possam ser abatidas do compulsório recolhido de recursos a prazo. A medida tinha vencimento previsto no dia 31 deste mês.

Olhando mais no detalhe geográfico os planos de ação na economia do país, o governador de São Paulo, José Serra, anunciou um pacote de estímulo ao estado na última sexta-feira, composto por quatro decretos e um projeto de lei que reduzem a carga do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) nas empresas. Além desta diminuição, houve mudanças nos prazos dos

pagamentos do imposto. O pacote ainda cria uma linha de crédito de R\$ 1,2 bilhão destinada às indústrias de autopeças e máquinas, que estão sofrendo com as restrições de liquidez no mercado.

A indústria paulista reduziu 34 mil postos de trabalho em novembro, segundo divulgação da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). O indicador de nível de emprego registrou queda de 1,46% na margem, sendo distribuído por 67% dos setores da indústria, diferentemente de anos anteriores quando esta contração acontecia de forma concentrada em alguns setores. Segundo a Fiesp, a crise financeira e conseqüentemente as reduções no crédito e nos investimentos, são os principais responsáveis por esta redução, que deverá ser mais intensa nos próximos meses de acordo com suas previsões. Outro levantamento da Fiesp, que mede a confiança dos empresários, também mostrou dados pessimistas, atingindo menor patamar desde o início da série, com 34,2 pontos (resultado abaixo do valor neutro de 50 pontos indica perspectivas ruins). O resultado é ainda pior porque sua composição indica contração em segmentos como vendas, estoques, emprego e investimento.

No que tange os indicadores econômicos, segundo o relatório Focus, referente à semana até 12 de dezembro, as expectativas para o IPCA para este ano caíram de 6,20% para 6,13%, e para 2009 a expectativa se manteve em 5,20%. Para a taxa Selic de final de ano, a expectativa para o próximo ano se reduziu de 13,25% para 13%. O câmbio, por sua vez, para o final de 2008 subiu de R\$/US\$ 2,27 para R\$/US\$ 2,30 e para o ano que vem se manteve em R\$/US\$ 2,20.

Para a inflação, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou na terça-feira o IGP-10 e o IPC-S, referentes a dezembro e à segunda semana de dezembro, respectivamente. O IGP-10 registrou alta de 0,03%, abaixo das expectativas de mercado (0,10%). Desagregadamente, o IPA-10 apresentou forte desaceleração, passando de 0,81% em novembro para -0,22% em dezembro, sendo que o IPA agrícola apresentou queda de 0,21% e o IPA industrial -0,22%. O IPC-10

acelerou para 0,62%, com destaque para o grupo alimentação, ainda com alta de 1%. O INCC-10 desacelerou consideravelmente na margem, para 0,33%.

O IPC-S registrou avanço de 0,73%, igual variação da semana anterior. O grupo alimentação, apesar de ter mostrado algum arrefecimento em relação à semana passada, segue pressionado com alta de 1,34%. Além disso, dos demais grupos do IPC-S apenas saúde apresentou aceleração, para 0,62%.

O IPC-FIPE da segunda quadrissemana de dezembro desacelerou para 0,23%, frente a uma elevação de 0,28% registrada na semana anterior, ligeiramente acima das expectativas do mercado (0,22%). Grande parte desse arrefecimento é decorrente da significativa desaceleração de alimentação (que teve alta de 0,07% contra 0,38%), além do grupo de habitação (que chegou aos 0,13%). O indicador só não mostrou desaceleração maior por conta de transportes e vestuário que aceleraram para 0,21% e 0,91%, respectivamente. Os outros grupos apresentaram variações semelhantes a da primeira quadrissemana do mês.

Na quinta-feira, a FGV divulgou a segunda prévia do IGP-M de dezembro, que registrou elevação de 0,05%. O destaque ficou por conta do IPA que apresentou queda de 0,15%, influenciado pelo IPA industrial que caiu 0,32%. O IPC continuou acelerando, para 0,54%, com destaque para alimentação que ainda pressiona o índice. O INCC, assim como na primeira prévia, desacelerou fortemente para 0,25%.

Segundo o IBGE, O Índice de Preços ao Consumidor Amplo - 15 (IPCA-15) aumentou 0,29% em dezembro, 0,20 ponto percentual abaixo da taxa de um mês antes, de 0,49%. Essa desaceleração foi atribuída a um ritmo de alta menos marcado nos preços dos alimentos, que foram de 0,90% em novembro para 0,34% no mês final de 2008. Os produtos não-alimentícios, por sua vez, saíram de uma elevação de 0,37% no mês passado para um avanço de 0,28% em dezembro. Repercutiram nesse abrandamento itens como artigos de limpeza (de 0,91% para 0,79%), aluguel (de 0,84% para 0,56%), gasolina (de 0,33% para -

0,12%), álcool (de 0,75% para -0,29%) e automóveis usados (de -1,10% para -2,57%). Para o cálculo do IPCA-15, foram coletados preços no período de 14 de novembro a 10 de dezembro e comparados com aqueles vigentes de 14 de outubro a 13 de novembro.

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo Série Especial (IPCA -E), também calculado pelo IBGE, subiu 6,10% neste ano, superando a taxa apurada em 2007, de 4,36%. O grupo Alimentação e Bebidas foi o principal responsável pelo resultado do índice do ano, com elevação de 11,95% depois de um avanço de 10,09% no exercício anterior. O IPCA-E segue a mesma metodologia de cálculo do IPCA, mas é divulgado ao final de cada trimestre, sendo formado pelas taxas do IPCA-15 de cada um dos três meses de referência. Entre outubro e dezembro, o IPCA-E aumentou 1,08%.

Em relação à atividade econômica, segundo pesquisa da FGV, o número de indústrias com estoques excessivos dobrou de outubro para novembro reforçando os sinais de desaceleração da indústria. Em outubro, 7,9% das empresas pesquisadas afirmavam estar com estoques indesejáveis, sendo que em novembro esse número saltou para 15,7%, o maior em cinco anos. Os setores que anunciaram estar mais estocados são o de material de transportes, matérias-primas ligadas à metalurgia e papel e celulose, setores mais afetados pela desaceleração mundial. Esta pesquisa reflete também revelou a diminuição do crédito e a queda da confiança de empresários e consumidores, o que vem contribuindo para vendas e pedidos menores.

A atual contração no crédito também afetou o pagamento do 13º salário, segundo pesquisa da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Segundo a FIESP, 71% das 541 indústrias consultadas tiveram maior dificuldade de obter financiamento para pagar o 13º salário quando comparado com 2007, ao mesmo tempo em que a proporção de empresas que recorreu a empréstimo para efetuar o pagamento aumentou de 20% para 33%. Das empresas que se financiaram

com esse propósito, 87% revelaram que foi a maiores custos, enquanto que 34% delas informaram que os prazos se tornaram mais curtos.

A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) apresentou queda na margem, porém, menor do que a esperada. Conforme divulgado pelo IBGE, as vendas no varejo recuaram 0,3% na margem em outubro, na série dessazonalizada, após apresentar forte expansão no mês anterior. A queda apurada em outubro interrompe uma seqüência de sete meses consecutivos de crescimento. A queda apurada em outubro interrompe uma seqüência de sete meses consecutivos de crescimento.

Na comparação interanual, as vendas no comércio apresentaram aceleração de 10,1%, acima do esperado (9,7%). O comércio varejista ampliado, que inclui além do varejo as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, apresentou elevação de 3,7% no volume de vendas e de 9,2% na receita nominal em outubro na comparação com mesmo mês de 2007. De janeiro a outubro, essas taxas foram positivas em 12,7% e 17,9%, na ordem. Em 12 meses, houve ampliação de 12,6% nas vendas e de 17,5% na receita nominal. Importante ressaltar a forte contração nas vendas de automóveis que apresentaram queda de 19% na margem.

A arrecadação federal atingiu R\$ 54,72 bilhões em novembro, o que significa, em termos deflacionados pelo IPCA, uma queda de 1,85% em relação a novembro de 2007. Esta foi a primeira queda nesta base de comparação desde dezembro de 2001. Destaque para o recuo dos Impostos de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ), de 28% na comparação interanual. Apesar do resultado, a Receita Federal informou que a meta de arrecadação será cumprida este ano, ou seja, um crescimento de 8% e 9% em 2008.

Em relação ao Orçamento Federal aprovado para 2009, todas as receitas do Orçamento do ano que vem foram projetadas com um PIB de 3,5%, só que se o crescimento do PIB em 2009 for menor que este percentual, como já apontam

todas as previsões do mercado, o governo terá de rever as receitas para menos. Em novembro, já houve queda na arrecadação da União, a primeira desde 2004, por causa da queda na atividade econômica. Como o governo deve, no ano que vem, acelerar os gastos para tentar compensar os efeitos negativos da crise, poderá ter de reduzir o superávit primário. Como no mundo inteiro estão aumentando os gastos públicos em infra-estrutura, e outras áreas, para enfrentar a crise, o mercado não deve questionar, no início, a redução no superávit primário, mas depois o mercado deve olhar mais atentamente para este fato.

Na sexta-feira, segundo divulgado pelo IBGE, a taxa de desemprego no país registrou alta em novembro, atingindo 7,6%. Ainda assim, a taxa foi a menor para um mês de novembro desde o início da série histórica do IBGE, em março de 2002. Em outubro, a taxa havia sido de 7,5%, o segundo menor patamar já registrado. A população ocupada nas seis regiões metropolitanas pesquisadas não apresentou alteração em relação a outubro, ficando em 22,1 milhões de pessoas. O rendimento médio real em novembro foi estimado em 1.273,60 reais, uma alta de 0,9% frente a outubro e de 4,0% em relação ao ano passado. A menor taxa de desemprego já registrada pelo IBGE nas seis principais regiões metropolitanas do país foi em dezembro do ano passado, de 7,4 por cento.

O Balanço de Pagamentos do país registrou déficit de US\$ 6,814 bilhões em novembro. As transações correntes apresentaram déficit de US\$ 1,030 bilhão; a conta de capital e financeira ficou negativa em US\$ 5,932 bilhões; e a conta de erros e omissões acabou positiva em US\$ 148 milhões. Em novembro de 2007, comparativamente, o Balanço de Pagamentos foi superavitário em US\$ 6,395 bilhões. De janeiro a novembro deste exercício, o superávit é de US\$ 8,536 bilhões, quase um décimo dos US\$ 84,391 bilhões de saldo positivo verificado em mesmo período de 2007.

O saldo da balança comercial brasileira na segunda semana de dezembro apresentou superávit de US\$ 947 milhões segundo dados divulgados pela Secex.

As exportações atingiram US\$ 3,576 bilhões (média diária de US\$ 715,2 milhões), enquanto que as importações fecharam com US\$ 2,629 bilhões (média diária de US\$ 525,8 milhões). Sobre as exportações, os destaques ficaram por conta das vendas de petróleo, minério de ferro, soja em grão e aviões, que apresentaram resultado positivo; por outro lado, as vendas de açúcar em bruto, couros e peles e ferro e aço registraram contração. Já para as importações, as compras de combustíveis e lubrificantes, instrumentos de ótica e precisão e produtos plásticos foram as que mostraram maior variação positiva na referida semana. No acumulado do ano o saldo comercial foi de US\$ 22,945 bilhões.

A entrada de investimentos externos diretos líquidos no país foi de US\$ 2,179 bilhões em novembro, segundo comunicado na sexta-feira pelo BACEN. Em novembro de 2007, houve ingresso de US\$ 2,530 bilhões. Do começo deste ano até novembro, foi registrada entrada de investimentos externos de US\$ 36,926 bilhões (2,53% do PIB). Nos 12 meses até novembro, ingressaram US\$ 37,812 bilhões, ou 2,41% do Produto Interno Bruto (PIB). Os dados levam em conta também os empréstimos inter-companhias, aqueles feitos pela matriz da multinacional para a subsidiária brasileira. Além disso, abatem as remessas feitas por conta de ganho do capital investido. Do total ingressado em novembro deste calendário, US\$ 1,351 bilhão foram participação no capital. Foram contabilizadas também entradas líquidas de US\$ 827 milhões em empréstimos inter-companhias. Houve saída de US\$ 1,662 bilhão de investimentos diretos de companhias brasileiras no exterior (IBD) no mês passado. Um ano antes, houve saída de US\$ 2,439 bilhões. No acumulado de 2008 até agora, foram apuradas saídas líquidas de US\$ 17,3 bilhões.

Mercado Financeiro

Com a divulgação diária de dados negativos da economia real pelo mundo, as bolsas apresentaram mais uma semana de muita volatilidade. Esta volatilidade foi ainda maior esta semana devido a indecisão nos Estados Unidos sobre a ajuda às montadoras; o escândalo envolvendo o ex-presidente da Nasdaq, que só aumentou a aversão ao risco no mercado financeiro; e as decisões dos Bancos Centrais sobre taxas de juros básicas, sobretudo nos Estados Unidos, instrumento de política monetária mais usado na atual conjuntura para tentar frear a crescente desaceleração nas economias mundiais.

Para termos uma melhor dimensão da dificuldade de previsão para o mercado financeiro devido às oscilações abruptas nos cursos das ações, analisemos no detalhe a semana na Bolsa de Valores de São Paulo, Bovespa, aqui no Brasil, e as bolsas nas principais praças pelo mundo.

Na segunda-feira, depois de operar por um pequeno período no positivo, pela manhã, o índice Ibovespa passou toda a tarde no vermelho (caía 1,55% por volta das 17h30) e fechou em queda de 2,68%, aos 38.320 pontos. Os dados da economia real começaram a semana ruins - como a queda da produção industrial americana em novembro e também a redução do índice de atividade do FED de Nova York -, e também explodiu o escândalo envolvendo o ex-presidente da Nasdaq, Bernard Madoff, que puxou as ações de bancos brasileiros para baixo.

No mercado internacional, as bolsas americanas também encerraram o dia negativas. O Dow Jones caiu 0,75%, o S&P500 teve baixa de 1,27% e o Nasdaq fechou em queda de 2,1%.

As bolsas asiáticas fecharam no positivo, na expectativa de que a indústria automotiva norte-americana fosse resgatada depois que a Casa Branca deu sinais que poderá usar parte do pacote de resgate ao setor financeiro, no valor de US\$ 700 bilhões, para ajudar as montadoras. A bolsa de Tóquio fechou com valorização de 5,21% e a de Hong Kong com alta de 1,96%.

No ambiente corporativo aqui no Brasil, a Cosan S/A registrou um prejuízo líquido de R\$ 380,7 milhões no segundo trimestre fiscal de 2008, ante um lucro de R\$ 15,2 milhões no mesmo período do exercício anterior. Segundo a empresa, o prejuízo foi provocado por despesas financeira decorrentes da desvalorização cambial.

Na Petrobras, trabalhadores concordaram em aderir ao movimento da Federação Única dos Petroleiros e informaram que iriam entrar em greve na terça-feira, na tentativa de pressionar o Governo a suspender a 10ª Rodada de Licitações de blocos exploratórios de petróleo e gás, a ser promovida pela ANP (Agência Nacional do Petróleo) ainda neste mês. Os sindicatos lutam para que haja uma mudança na lei de licitações, uma nova legislação que garanta o controle estatal e social sobre as reservas de petróleo e gás brasileiras.

A Usiminas informou que decidiu suspender temporariamente a operação do Alto Forno 1, em Minas Gerais, no período de 12 de dezembro até o fim de janeiro, na tentativa de adequar a produção da companhia ao atual ritmo de demanda do mercado siderúrgico.

Na terça-feira, a Bovespa apresentou uma alta expressiva, puxada pela decisão do FED de cortar a taxa de juros nos Estados Unidos. Após o anúncio do banco central americano, o Ibovespa fechou o dia em alta de 4,37%, aos 39.993 pontos. O corte de juros se sobrepôs às notícias ruins da economia real e permitiu o fechamento positivo da Bovespa.

A Bovespa divulgou ainda, na terça-feira, a segunda prévia da carteira teórica do Índice Bovespa (Ibovespa) e dos demais índices com recomposição quadrimestral, que passará a valer a partir de janeiro. O dado que mais chamou a atenção foi a saída de ações de empresas da construção civil do índice IBX-100, o Índice Brasil. Com a perda de valor de mercado e da liquidez, devem deixar o índice os papéis da Abyara, da Camargo Corrêa Desenvolvimento Imobiliário, da Cyrela Commercial Properties e da Tecnisa, todos do setor imobiliário. Também deixaram o indicador as ações da Equatorial Energia. No lugar desses papéis, entraram as ações da AES Tietê, do Banrisul, da Copasa e as ações ordinárias (ON, com direito a voto) da AmBev e do Bradesco. O IBX-100 é composto pelas cem ações mais negociadas da Bovespa e o peso delas no indicador é ponderado pelo valor de mercado. Já o Ibovespa e o IBX-50 não tiveram alterações.

Nos Estados Unidos, as bolsas também fecharam em alta, com o Dow Jones subindo 4,2%, o S&P500 tendo alta de 5,14% e o Nasdaq ganhando 5,41%.

As bolsas de valores da Ásia operaram em alta e o dólar recuou o menor nível em dois meses contra o Euro. O índice Hang Seng, de Hong Kong, avançou 0,55 por cento, o índice Kospi, da Coreia do Sul, subiu 0,29 por cento e o principal indicador de Taiwan fechou com oscilação positiva de 0,07 por cento. Em Cingapura, os ganhos foram de 0,41 por cento. A bolsa de Tóquio caiu 1,1 por cento, enquanto o iene se fortaleceu contra o dólar, atingindo as ações de exportadores. Nas últimas semanas, os investidores estrangeiros têm carregado seus portfólios com ações asiáticas, particularmente companhias com avaliação relativamente baixa e dívida reduzida em seus balanços.

No plano corporativo mundial, foi aguardado o resultado do Goldman Sachs, que divulgou seu primeiro prejuízo trimestral desde que abriu capital há nove anos. A queda no valor de ações, dívidas e imóveis impactaram o resultado de um líder de Wall Street, que vinha conseguindo escapar da crise global de crédito. Apesar

disso, os investidores esperavam números ainda piores e pareceram aliviados com o resultado, com as ações do Goldman disparando quase 10%.

Ainda lá fora, a rede de varejo norte-americana Best Buy anunciou na terça-feira que teve resultado trimestral melhor que o esperado e divulgou que planeja oferecer plano de demissão voluntária e reduzir aberturas de lojas em um momento em que os consumidores cortam gastos. Os anúncios fizeram as ações da companhia dispararem mais de 16%.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Vale informou que assinou um acordo com a African Rainbow Minerals Limited (ARM) e sua controlada Teal Exploration & Mining Incorporated, para a aquisição de 50% do capital de uma joint venture que deterá as subsidiárias da Teal, por aproximadamente US\$ 65,1 milhões, aumentando as opções estratégicas de crescimento da Vale no negócio de cobre na África.

Na quarta-feira, depois da alta de terça-feira por causa da queda dos juros americanos, as bolsas fecharam em baixa. O movimento já era esperado, não só por ser um dia de realização de lucros pela alta do dia anterior, mas também por ser um dia de vencimento de opções e porque os dados vindos da economia real ainda são negativos. A Bovespa fechou em queda de 0,12%, aos 39.947 pontos. Mesmo instável, ora subindo, ora caindo, a bolsa brasileira ficou sempre perto da estabilidade.

Nos Estados Unidos, os mercados ficaram negativos durante quase todo o dia, positivos apenas no começo da tarde. O Dow Jones caiu 1,12%, o S&P500 teve queda de 0,96% e o Nasdaq fechou em queda de 0,67%.

As principais bolsas asiáticas fecharam no campo positivo. A bolsa do Japão fechou em alta de 0,51% e a de Hong Kong com valorização de 2,18%. O Nikkei 225, de Tóquio, aumentou 0,52%, para 8.612,52 pontos. O Hang Seng, de Hong

Kong, registrou valorização de 2,18%, aos 15.460,52 pontos. Em Seul, o Kospi teve alta de 0,71%, alcançando 1.169,75 pontos. Em Xangai, o Shanghai Composite subiu apenas 0,09%, para 1.976,82 pontos.

Na Europa, as bolsas de valores apresentaram um comportamento modesto e oscilante, com dados negativos sobre a economia britânica. A bolsa de Londres apresentou alta de 0,35%, a de Paris caiu 0,84% e a da Alemanha desvalorizou 0,96%.

No plano corporativo lá fora, o banco Morgan Stanley anunciou prejuízo de US\$ 2,3 bilhões, puxando para baixo principalmente o mercado acionário americano.

Na Nymex, o petróleo apresentou comportamento oscilante nesta quarta-feira, mas encerrou o dia com forte queda de 8,12%, com o barril sendo negociado a US\$ 40,06. O anúncio de redução na produção do óleo feito pela Opep (Organização dos Países Exportadores do Petróleo) contribuiu para as oscilações no preço da commodity. Os países membros da Opep decidiram uma redução de sua cota de produção de petróleo em 2,2 milhões de barris diários, que será aplicada a partir de 1º de janeiro de 2009.

No âmbito corporativo aqui no Brasil, a Lenovo decidiu por enquanto não adquirir a maior fabricante brasileira de computadores, a Positivo Informática. Nas últimas semanas, as ações da Positivo subiram fortemente com os rumores de que uma grande multinacional estaria interessada em comprar a companhia brasileira. Com a notícia, os papéis ON da Positivo, que não fazem parte do Ibovespa, fecharam com forte queda de 26,27%.

O banco americano Citigroup elevou a recomendação de compra para os papéis ON da Cosan e da São Martinho em vista dos dados publicados pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) que prevê safra recorde para o final de 2008.

Entre as quedas do Ibovespa, o setor de telecomunicações esteve em evidência, principalmente as ações da Brasil Telecom e da Oi (ex Telemar), devido à suspensão cautelar por parte do TCU (Tribunal de Contas da União) da análise pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) sobre a compra da Brasil Telecom pela Oi. A Anatel prometeu recorrer à decisão.

Na quinta-feira, depois de operar sem rumo durante todo o dia, a Bovespa fechou em queda de 1,03%, aos 39.536 pontos, influenciada pelos mercados americanos, que acentuaram a queda durante a tarde. Como nos últimos dias, a bolsa brasileira acompanhou as altas e as quedas do mercado americano, os gráficos lá e aqui desenhando exatamente a mesma evolução diária. Pela manhã, boas notícias impulsionaram a Bovespa, como a Ata do Copom, com a indicação de uma queda de juros no ano que vem; a desaceleração do IGP-M; e a queda nos pedidos de seguro-desemprego nos Estados Unidos. Depois disso, ela passou a operar instável e fechou negativa, em linha com os Estados Unidos.

O dólar operou com volatilidade e encerrou o dia com valorização frente ao real, refletindo a instabilidade dos mercados em relação à atual desaceleração da economia mundial. A moeda americana registrou alta de 0,47% sendo cotada a R\$ 2,35.

No mercado internacional, os investidores aguardavam com ansiedade o novo plano de estímulo econômico que será feito pelo presidente eleito dos Estados Unidos. Desta forma, os investidores agiram com cautela e as bolsas européias apresentaram volatilidade. A bolsa de Londres caiu 0,08%, a de Paris desvalorizou 0,23%, e a bolsa da Alemanha obteve alta de 0,99%.

No mercado asiático, os ganhos foram moderados. Os investidores aguardavam novas medidas para o reaquecimento da economia. Ações de empresas do setor de energia e de montadoras atraíram as atenções de alguns investidores, e a

paridade do dólar/iene também foi acompanhada de perto. O Nikkei 225, de Tóquio, registrou alta de 0,64%, aos 8.667,23 pontos. O Hang Seng, de Hong Kong, subiu 0,24%, para 15.497,81 pontos. O Kospi, de Seul, somou 1.175,91 pontos, com elevação de 0,53%. O Shanghai Composite, de Xangai, cresceu 1,97%, para 2.015,69 pontos.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Petrobras levou sozinha sete dos 13 blocos no leilão da Bacia Potiguar. A estatal brasileira também venceu o leilão de seis blocos com participação de 50% com empresas como Petrogal e Partex Brasil. Os papéis ON e PN da estatal fecharam em baixa de 1,54% e 3,49% respectivamente, em virtude da queda do petróleo no mercado internacional. Na Nymex, a commodity encerrou em forte queda de 9,59%, sendo cotada a US\$ 36,22 o barril.

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) divulgou ao mercado que o fechamento da venda de 40% da mineradora Namisa para um consórcio asiático aconteceria nos próximos dias. A venda já foi aprovada sem ressalvas pela Comissão das Comunidades Europeias.

A Usiminas informou a compra da fabricante de tubos Zamprogná por R\$ 160 milhões. A Zamprogná é a maior fabricante de tubos com costura e a maior distribuidora independente de aços no território brasileiro. A celebração do contrato ocorrerá somente em fevereiro do próximo ano. Com isso, papéis ON da Usiminas fecharam em alta de 2,97%.

As ações da Aracruz também atraíram os investidores, com rumores de que a empresa pretende anunciar o cancelamento do pagamento de proventos para o final deste ano.

Na sexta-feira, o mercado acionário brasileiro apresentou volatilidade, alternando entre momentos de altas e de baixas, e fechando a semana com queda de

1,02%, aos 39.131 pontos. Como foi a última semana cheia de atividade na Bovespa no ano, os investidores aproveitaram a maior liquidez para realizar lucro e vender ações. As operações do dia no território positivo foram principalmente puxadas pelo anúncio de socorro às montadoras nos Estados Unidos. Com as commodities seguindo em baixa (o petróleo chegou a ser cotado a US\$ 33,87 o barril, o menor valor desde fevereiro de 2004), os preços das ações de Petrobras e Vale caíram. Ademais, com o dado de desemprego, também tiveram queda as ações de empresas ligadas ao consumo.

As bolsas de valores da Ásia fecharam em queda na sexta-feira, encerrando em baixa a última semana cheia de negócios de 2008. O indicador que reúne os mercados da região acumulou queda de 52%, marcando a maior baixa anual desde que o índice foi lançado em sua forma atual em 1988. A bolsa de Tóquio perdeu 0,9 por cento, reduzindo parte das perdas após o Banco do Japão ter cortado os juros. O índice Hang Seng fechou em queda de 2,4%; a bolsa de Seul se valorizou em 0,4%, enquanto em Cingapura houve queda de 0,2%. Em Xangai, a bolsa subiu 0,14%, e Taiwan encerrou praticamente estável com oscilação negativa de 0,01%.

Na Europa, a queda do preço do petróleo prejudicou o desempenho de empresas de matérias-primas e, assim, as principais bolsas do continente operaram com desvalorização. A bolsa de Paris caiu 0,26%, a da Alemanha recuou 1,26% e a de Londres apresentou perdas de 1,01%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram voláteis. As atenções se voltaram para o pronunciamento feito pelo presidente George W. Bush, que anunciou um pacote de ajuda financeira imediata no valor de US\$ 13,4 bilhões às montadoras de automóveis General Motors e Chrysler.

No plano corporativo lá fora, os papéis da Toyota se desvalorizaram em 2% depois que a mídia japonesa divulgou que a matriz da maior montadora do

mundo deverá registrar seu primeiro prejuízo operacional anual desde que a companhia foi fundada, há mais de 70 anos.

Em Hong Kong, as ações do HSBC despencaram 6,2% em meio a temores de que a maior instituição financeira da Europa poderá levantar capital ou cortar dividendo para manter o seu balanço intacto.

No plano corporativo aqui no Brasil, a Anatel conseguiu anular a medida cautelar do TCU e, desta forma, autorizou oficialmente a fusão entre Oi (ex-Telemar) e Brasil Telecom, desde que sejam cumpridas as 15 exigências feitas pela Anatel. As operações das duas empresas deverão ser unificadas em cerca de 20 dias. Os papéis ON da Brasil Telecom Participações e da Tele Norte Leste (Oi) fecharam em alta de 3,95% e 4,50%, respectivamente.

Os papéis PN da Net apresentaram alta, com o anúncio pela empresa de suas projeções para o quarto trimestre deste ano, informando que o crescimento neste período deverá ser superior ao alcançado no mesmo trimestre de 2007.

Ibovespa - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)
Aracruz PNB	2,18	14,13
Cosan ON	11,71	9,43
Sid. Nacional ON	31,50	9,39
Redecard ON	26,30	9,12
Gol PN	11,14	8,58
Sabesp ON	28,91	8,15
Cyre Com-CCP ON	6,70	8,06
BMF Bovespa ON	6,42	7,90
CCR Rodovias ON	24,80	7,82
Nossa Caixa ON	68,00	5,73

Baixas	Preço	(%)
Tim Part. S.A. PN	3,44	-23,55
B2W Varejo ON	22,20	-21,28
Vivo PN	29,80	-17,22
Tim Part. S.A. ON	6,03	-13,99
Lojas Americanas PN	6,25	-12,22
Cemig PN	30,90	-9,91
Souza Cruz ON	46,22	-9,76
JBS ON	4,81	-8,38
Perdigao ON	33,00	-7,82
Tam S.A. PN	20,15	-7,15

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)
Nossa Caixa ON	68,00	199,59
Natura ON	20,75	28,71
Br.Tel.Part. ON	57,90	28,67
Transm. Paulista PN	43,30	24,31
Telesp Atual PN	49,52	21,62
Telemar N L PNA	61,90	21,15
Eletronbras PNB	26,06	20,52
Eletronbras ON	28,37	20,48
Telemar PN	35,75	18,44
CPFL Energia ON	32,68	4,64

Baixas	Preço	(%)
Rossi Resid. ON	3,65	-83,77
Aracruz PNB	2,18	-82,43
Gol PN	11,14	-74,38
B2W Varejo ON	22,20	-68,67
Gafisa ON	10,35	-68,57
Cesp PNB	13,86	-67,90
Vcp PN	17,95	-66,88
Duratex PN	15,50	-63,36
Sadia S.A. PN	3,64	-63,02
Cyrela Realt ON	9,10	-62,34

Fatos econômicos da semana seguinte

A semana que começa dia 22 de dezembro trará poucos dados relevantes para o Brasil, com destaque para o Relatório Trimestral de Inflação e a nota à imprensa do BECEN sobre crédito. Já no fronte internacional teremos uma agenda carregada de indicadores relevantes, com destaque para os dados de PIB dos Estados Unidos e Reino Unido, além de dados de inflação e atividade industrial para ambos os países, assim como muitos indicadores para a economia japonesa. No Brasil, na segunda-feira o Banco Central apresentará sua Pesquisa semanal Focus e o Relatório Trimestral de Inflação; a SECEX os dados da Balança Comercial brasileira da terceira semana de dezembro; e a FGV divulgará o Índice de Confiança do Consumidor de dezembro. Na terça-feira, a FGV divulgará os dados do IPC-S da terceira quadrissemana de dezembro; e o BACEN divulgará uma nota à imprensa sobre crédito e o resultado Fiscal Primário do Governo Central em novembro.

No exterior, nos Estados Unidos, na terça-feira teremos o PIB do país para o terceiro trimestre de 2008; o PCE Core para o terceiro trimestre de 2008; o consumo pessoal para o terceiro trimestre de 2008; o índice de Confiança da Universidade de Michigan de dezembro; vendas de casas novas e existentes de novembro; e o índice de preço de domicílios em outubro. Na quarta-feira, serão publicados os dados semanais do setor hipotecário; a renda e o gasto pessoal, ambos de novembro; o PCE Core de novembro; os pedidos de bens duráveis de novembro; e os pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais.

Na Zona do Euro, na segunda-feira teremos os novos pedidos da indústria de outubro. Na terça-feira, teremos a conta corrente de outubro.

No Reino Unido, na terça-feira teremos dados do PIB e da conta corrente, ambos para o terceiro trimestre de 2008.

No Japão, na segunda-feira teremos o boletim mensal do BoJ. Na terça-feira teremos o BSI Amplo de toda a indústria para o quarto trimestre de 2008; e a balança comercial de mercadorias de novembro. Na quarta-feira, teremos a publicação da Ata da última reunião do BoJ. Na quinta-feira, teremos a taxa de desemprego de novembro; o gasto por domicílio de novembro; o CPI de novembro; o comércio varejista de novembro; e a projeção da produção industrial para novembro.

Finalmente, na China, na sexta-feira, teremos os lucros industriais de novembro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.